

**Pepe Mujica -“La austeridad es lucha por la libertad”: A heterodoxia do presidente “mais pobre do mundo” frente à doxa do consumo global. Carácter de la ponencia: avance de investigación en curso.**

Daiane Carnelos Resende y Luiz Demétrio Janz Laibida.

Cita:

Daiane Carnelos Resende y Luiz Demétrio Janz Laibida (2017). *Pepe Mujica -“La austeridad es lucha por la libertad”: A heterodoxia do presidente “mais pobre do mundo” frente à doxa do consumo global. Carácter de la ponencia: avance de investigación en curso. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/4243>

PEPE MUJICA -“LA AUSTRERIDAD ES LUCHA POR LA LIBERTAD”: A HETERODOXIA DO PRESIDENTE “MAIS POBRE DO MUNDO” FRENTE À *DOXA* DO CONSUMO GLOBAL.

Carácter de laponencia: **Avance de investigación en curso**

DAIANE CARNELOS RESENDE <sup>1</sup>(UFPR – BRASIL)

LUIZ DEMÉTRIO JANZ LAIBIDA <sup>2</sup>(UFPR – BRASIL)

**“Eu não sou pobre, eu sou sóbrio, de bagagem leve. Vivo com apenas o suficiente para que as coisas não roubem minha liberdade.” (Pepe Mujica)**

Falar de Pepe Mujica é fazer a referência a um dos maiores líderes políticos da atualidade. O alcance planetário da figura de Mujica tem gerado muitas controvérsias, em especial, por sua opção de escolher uma vida simples, mesmo ocupando a presidência do Uruguai. Desde que assumiu o poder em 2010, Mujica tornou-se alvo da imprensa internacional, principalmente por ter sido um ex-guerrilheiro que chega ao governo pelo viés democrático e também a forma de viver da maneira “sustentável”, mesmo estando inserido numa estrutura de consumo globalizado. Este trabalho tem a intencionalidade de demonstrar um pouco da trajetória de Pepe Mujica, explicando a importância da austeridade como forma de liberdade, ou seja, num mundo envolto pela lógica do consumo, como um agente pode fazer a opção de um estilo de vida simples, como forma expressar a liberdade, de não se sentir escravizado pelo “ter”. Também se pretende demonstrar como algumas políticas públicas implementadas no Uruguai por Mujica, deram certo e garantiram aos uruguaios maior liberdade de escolha. Para tanto, como metodologia, serão utilizadas as pesquisas teórico-bibliográficas e também será realizado um mapeamento qualitativo referenciando a trajetória do agente político em questão. Para a consecução deste trabalho serão utilizados alguns *insights* teóricos sobre trajetória, *habitus*, campo político, capitais, poder simbólico entre outros do mote Bourdieusiano que são fundamentais para analisar a atuação de Mujica dentro do campo político e a sua “distinção” para com os demais presidentes. Para delinear a *doxa* relacionada ao consumo global nuances da teoria de Boaventura de Sousa Santos (2002), no que referencia o processo polissêmico de globalização, que “transforma os cidadãos em consumidores” será de grande valia para um entendimento mais substanciado de alguns ditames econômicos vigentes.

Palavras-Chave: Austeridade, Consumo e Globalização.

## INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é fazer uma reflexão crítica sobre a ação política de Pepe Mujica (ex presidente do Uruguai) frente à *doxa* do processo de globalização, bem como, verificar se a heterodoxia de Mujica, alicerçada na premissa da austeridade como uma forma de conviver com uma das principais características do processo de globalização, na concepção de Boaventura de Sousa Santos, a transformação do cidadão em consumidor. Tal objetivo se justifica tendo em vista que Mujica, em sua

---

<sup>1</sup> professoradaiane@yahoo.com.br

<sup>2</sup> luizdemetrio10@gmail.com

práxis política, ao invés de criticar o avanço das políticas neoliberais, estruturou suas políticas públicas primando pelo livre arbítrio enaltecendo a liberdade individual, bem como, disseminar a importância de uma postura austera como forma de se adaptar as regras impostas pela *doxa* global, assim, austeridade é o sinônimo de liberdade e para refutar a alcunha de presidente mais pobre do mundo, Mujica explica que não é pobre é sóbrio. Este estudo não tem a intencionalidade de fazer uma análise da trajetória política de Pepe Mujica, porque demandaria um tempo maior, como também fugiria do objetivo de um artigo. Como essa pesquisa está em desenvolvimento, objetiva-se pontuar algumas reflexões e insights teóricos para compreender minimamente esse *popstar* do campo político chamado de Pepe Mujica.

Para cumprir tal objetivo, este trabalho está organizado em duas seções, as quais cada uma delas corresponde aos objetivos específicos. Na primeira seção será apresentado um breve panorama histórico das etapas do capitalismo, enfatizando a última e atual etapa - o neoliberalismo - em seu contexto maior de surgimento e desenvolvimento, ou seja, na esfera da globalização. A segunda seção adentrará para as questões que relacionam a práxis política de Pepe Mujica, com excertos de seus discursos sobre o processo de globalização e como se adaptar as transformações advindas dele. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

## 1 A DOXA<sup>3</sup> DA GLOBALIZAÇÃO

**“O que é que chama a atenção mundial? Que vivo com pouco, em uma casa simples, que ando em um carrinho velho, essas são as notícias? Então este mundo está louco, porque o normal surpreende.”** (Pepe Mujica).

O propósito desta seção é apontar algumas vertentes teóricas acerca da complexidade do processo de globalização. Sabe-se que a globalização molda as instituições financeiras, sociais e culturais do planeta, ditando as normas, aculturando e principalmente fomentando o consumo, com o intuito de manter a hegemonia das grandes potências.

Desde o final do século XX, o conceito de globalização suscita muitos debates dentro e fora das Ciências Sociais, articulando-se em suas diferentes perspectivas: econômica, política, social e cultural, e traz consigo diversos dilemas à sociedade atual. Alguns teóricos da Sociologia que já discutiram sobre este fenômeno foram Giddens,

---

<sup>3</sup>Segundo Pierre Bourdieu(1996) a *doxa* seria o que é tido como socialmente garantido ou "natural" no campo, ou seja, as representações dominantes dentro do campo.

Castells, Bauman. Ligada à fase “pós-moderna” e ao capitalismo multinacional, a globalização consiste em um dos temas mais debatidos na esfera acadêmica dos últimos anos, e para entender as mudanças e transformações nas relações sociais advindas desse processo, cabe adentrar aos argumentos de Boaventura de Sousa Santos (2001), pois este oferece uma reflexão acerca do conceito de globalização desde sua origem, e busca verificar a influência desse fenômeno nas relações sociais.

Um dos fatores mais utilizados na conceituação da globalização é a de que ela está estruturada apenas na expansão do capitalismo, e de que está se esgotando no mundo da economia. Santos (2001) inicia sua explanação sobre o desenvolvimento da globalização pela ótica econômica e a sua relação com o capitalismo, e mais adiante o autor trabalha a necessidade de se reconhecer a globalização como um processo multifacetado. A grande preocupação do autor é não enfatizar o processo de globalização apenas como um fenômeno monolítico, ou seja, que aborda apenas as questões atreladas ao econômico – como muitos autores trabalham. Para Boaventura, o processo de globalização é um fenômeno plural que interfere nas relações econômicas, sociais, ambientais, religiosas, culturais, jurídicas, entre outras.

Deste modo, não existe uma entidade única chamada de globalização, e sim globalizações, e este termo só deveria ser usado no plural. Enquanto feixes de relações sociais, as globalizações envolvem conflitos, por isso, vencedores e vencidos; e, freqüentemente, o discurso sobre globalização é a história dos vencedores contada pelos próprios (idem, 2001).

De acordo com Ianni (1998, p.27), “o que predomina, na época em que se dá a globalização, é a visão neoliberal do mundo”. A globalização não é um fato acabado e sim um processo em marcha que enfrenta obstáculos, sofre interrupções, mas também generaliza-se e aprofunda-se como tendência, e, por isso, há nações e continentes nos quais esse processo pode-se desenvolver ainda mais, como é o caso da África e da América Latina. Segundo o autor, a história do capitalismo pode ser lida como a história da mundialização, da globalização do mundo, e consiste num vasto processo histórico simultaneamente social, econômico, político e cultural (Ianni, 2002). Assim, o

neoliberalismo possui este caráter de “neo” por ser uma proposta de reformulação do liberalismo do século XIX, porém, num contexto de intensa globalização<sup>4</sup>.

O fenômeno da globalização problematizou a existência do Estado-Nação e colocou em dúvida a existência do modelo do *Welfare State* e conseqüentemente, o arranjo que este articulava do social ao cultural. Emergiu com isso, uma nova configuração envolvendo uma forte tendência de deslocamento do centro de gravidade para o âmbito global, fato que ao mesmo tempo tem favorecido a reemergência do âmbito local. Conforme Santos (2005), ao contrário da globalização implicar em um processo de homogeneização, tem resultado na combinação entre certo efeito universalizador e a reemergência de particularismos, dando evidência à diversidade local.

Com a década de oitenta, a globalização cultural assumiu um relevo especial com a chamada “viragem cultural”, com a mudança de ênfase das Ciências Sociais, dos fenômenos econômicos para os fenômenos culturais, levantando a questão do impacto da globalização. Segundo Boaventura, é na esfera da globalização cultural que se visualiza maiores mudanças, e a questão, a saber, seria se o que se designa por globalização não seria mais adequado designar por ocidentalização ou americanização (RITZER, 1995), já que os valores, os artefatos culturais e os universos simbólicos que se globalizam são ocidentais, mais especificamente norte-americanos, sejam eles o individualismo, a democracia política, a racionalidade econômica, o utilitarismo, o primado do direito, o cinema, a publicidade, a televisão etc, com o intuito de disseminar e intensificar o consumo.

Já na esfera da globalização social, na concepção de Boaventura, o consenso neoliberal é o de que o crescimento e estabilidade econômicos assentam na redução de custos salariais, para o que é necessário liberalizar o mercado de trabalho, reduzindo os direitos liberais, proibindo a indexação de salários aos ganhos de produtividade e os ajustamentos ao custo de vida e eliminando a prazo a legislação sobre o salário mínimo, objetivando o impedimento do “impacto inflacionário dos aumentos salariais”; a contração

---

<sup>4</sup> Vários os autores utilizam-se de outra terminologia em detrimento à globalização. Chesnais, por exemplo, prefere o termo mundialização, pois, globalização estaria imbuído de conotações ideológicas e ambíguas, já mundialização é o mais indicado para expressar “uma nova configuração do capitalismo mundial e nos mecanismos que comandam seu desempenho e sua regulação”. (CHESNAIS, 1996, p.13). Esse autor faz uso do conceito de “mundialização do capital” para fazer a articulação das dimensões políticas e econômicas, pois dessa forma é mais fácil entender o sistema capitalista no seu novo estágio: “a palavra mundial permite introduzir , com mais força do que o termo global, a ideia de que, se a economia se mundializou, seria importante construir depressa instituições políticas mundiais capazes de dominar o seu movimento” (idem, 1996, p.24).

do poder de compra interno que resulta desta política deve ser suprida pela busca de mercados externos. Isto posto, o conceito de consumidor substitui o de cidadão e o critério de inclusão deixa de ser o direito para ser a solvência – os pobres são os consumidores que ultrapassam os limites do sobre endividamento e medidas compensatórias são criadas para disfarçar a situação.

## 2 A HETERODOXIA<sup>5</sup> DE PEPE MUJICA

**“Tive que aguentar 14 anos em cana (...). Nas noites que me davam um colchão eu me sentia confortável, aprendi que se você não pode ser feliz com poucas coisas você não vai ser feliz com muitas coisas. A solidão da prisão me fez valorizar muitas coisas.” (Pepe Mujica).**

Nesta seção será realizada uma discussão pormenorizada dos aportes teóricos mais significativos elaborados por Bourdieu e a *posteriori* será apresentada alguns insights sobre a trajetória de Pepe Mujica, objetivando demonstrar a heterodoxia do político supracitado.

Os conceitos de *habitus* e campo, elaborados por Bourdieu servem como categorias de análise fundamental para melhor compreender a ação do agente. O *habitus*, ao se apresentar ao mesmo tempo como individual e social, refere-se não só ao elemento individual, mas também a um grupo ou a uma classe social. Assim, a história da vida de um indivíduo pode ser vista como uma variante do *habitus* de seu grupo ou de sua classe, na medida em que seu estilo individual aparece como um desvio codificado em relação ao estilo de sua época e de sua classe ou grupo social. Do mesmo modo, ao servir como suporte da noção de *habitus*, o conceito de campo se constitui em outra ferramenta conceitual importante para os estudos sociológicos sobre trajetórias.

Bourdieu compreende que os atores sociais estão inseridos especialmente em determinados campos sociais. A posse de grandezas de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico etc.) e o *habitus* de cada ator social condicionam seu posicionamento espacial. Para ele, o que determina a posição espacial no campo social são as posses de capital econômico e de capital cultural. Os sujeitos ocuparão espaços mais próximos quanto mais similares forem a quantidade e a espécie de capitais que detiverem.

---

<sup>5</sup>Há também a heterodoxia, isto é, do questionamento e da desnaturalização da *doxa* pelo surgimento de uma *doxa* alternativa, e investigando a existência de uma ortodoxia, uma reação à heterodoxia, uma estratégia acionada pelas forças dominantes em um campo no sentido de cristalizar uma *doxa*. (Bourdieu e Eagleton).

Em contrapartida, os agentes estarão mais distantes no campo social quanto mais díspar for o volume e os tipos capitais. Assim, pode-se dizer que a riqueza econômica (capital econômico) e a cultura acumulada (capital cultural) geram internalizações de disposições (*habitus*) que diferenciam os espaços a serem ocupados pelos homens.

De maneira mais geral, o espaço de posições sociais se configura em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); a cada classe de posições satisfaz uma classe de *habitus* dados pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras.

Ao tentar compreender as implicações da noção de *habitus*, Pierre Bourdieu tentou analisar as relações entre estes e os campos sociais. O campo é uma rede de relações objetivas entre posições sociais definidas objetivamente em sua existência e que fornecem determinações que elas repõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições por sua situação social atual e potencial e por sua posição relativa em relação a outras posições. Visto assim, o campo é um espaço estruturado a partir de posições de poder e disputas simbólicas, no qual pode ser constatada a existência de leis genéricas. Pode ser entendido como um sistema de relações sociais que estabelece como legítimos certos objetivos, que assim se impõem “naturalmente” aos agentes que dele participam. Esses agentes, por sua vez, interiorizam o próprio campo, incorporando suas regras, também de maneira “natural”, em suas práticas. (Bourdieu, 1996).

Compreender a gênese social de um campo - e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram - é explicar ou tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente julga-se reduzir ou destruir.

Tendo cada campo sua própria estrutura, ou seja, seus próprios critérios de avaliação da realidade, o campo político pode ser tido como o lugar onde se geram as disputas simbólicas entre os agentes nele envolvidos, produtos políticos, ou programas, nos quais os ‘consumidores’, ou cidadãos comuns, exteriorizam suas escolhas (Bourdieu, 2003).

Nessa mesma lógica, as práticas sociais são definidas pelo autor da seguinte maneira: A implicação do surgimento de um *habitus*, sinal incorporado pela trajetória social do agente, capaz de impor uma maior dinamicidade às forças sociais de acordo com

a *doxa* imposta pelo campo social, que funciona, assim, como um espaço de obrigações (violências) que quase sempre operam com a cumplicidade do *habitus* sobre o qual exercem.

Por conseguinte, as práticas são resultantes, por intermédio do *habitus*, da relação dialética entre uma estrutura e uma conjuntura, entendidas como as condições de atualização deste *habitus*, sendo este um estado particular da estrutura. Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*: cada possibilidade de deslocamento para uma nova posição. Formas de pensar e agir serão legitimadas somente se considerada a experiência da estrutura do agente. Nessa ótica, e considerando a relação de causalidade dos eventos, as análises de configuração serviriam como instrumentos para a explicação satisfatória dos fatos ou as opções ideológicas.

A Trajetória de José Alberto Mujica Cordano, popularmente conhecido por Pepe Mujica é bastante singular. Pepe nasceu no bairro de La Arena, em Montevideu, Uruguai, no dia 20 de maio de 1935. Filho de Demétrio Mujica Cordano Terra e Lucy Terra, descendentes de uma família basca que chegou ao Uruguai em 1840. Frequentou o ensino primário e secundário na escola pública de seu bairro. Ficou órfão de pai ainda jovem. Tornou-se chefe de família com o cultivo e a venda de flores. Trabalhou desde muito cedo no ramo de flores, o qual até hoje cultiva.

Na sua infância foi grande adepto dos esportes, em especial do ciclismo, o qual competia. Seu tio materno, Ángel Cordano, era nacionalista e teve uma grande influência sobre a formação política de Mujica. Em 1956, conhece o então deputado nacionalista Enrique Erro por meio de sua mãe, militante de seu setor. Nesse mesmo ano, Mujica iniciou sua militância política no Partido Nacional, onde se tornou o secretário geral da juventude.

Nas eleições de 1958, Erro, seu companheiro revolucionário, foi designado Ministro do Trabalho, sendo acompanhado por Mujica nessa época. Em 1962, Erro e Mujica abandonam o Partido Nacional para criar a Unión Popular, junto ao Partido Socialista do Uruguai e um pequeno grupo chamado Nuevas Bases. Nessas eleições, colocam Emilio Frugoni como candidato a presidente da República, que chega apenas aos 2,3 % dos votos.

Nos anos 60 integrou-se ao Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros, nomeado a um grupo de guerrilheiros uruguaios que agiu entre os anos de 1963 e 1972. A



denominação do partido remete ao período da colonização do Uruguai, quando Tupac Amaru III, um cacique peruano, foi líder de um confronto contra os espanhóis (século XVIII). Do nome do indígena surgiu a palavra tupamaro, que era a forma como os conquistadores espanhóis chamavam os seguidores do líder tribal.

O fundador do Movimento de Liberação Nacional - Tupamaros (MLN-T) foi Raul Sendic, advogado, revolucionário guerrilheiro e político do Uruguai. Entre as primeiras ações do partido, destacam-se as investigações dentro de grandes corporações que tinham por objetivo encontrar documentos que comprovassem a corrupção governamental. Porém, o grupo tinha como forte característica a guerrilha urbana, que incluía atividades como assaltos a clubes de armas, bancos, sequestros, propaganda de guerrilha e assassinatos. Segundo alguns historiadores, o dinheiro que conseguiam nas ações ilegais era distribuído para as camadas mais pobres da população de Montevidéu. Os integrantes dos Tupamaros eram universitários, técnicos e profissionais liberais.

A luta tupamara no Uruguai tem um significado de contestação político-econômica, sendo responsável - ainda que derrotada militarmente em 1972 - por expor deficiências sociais e econômicas presentes no país na década de 1970. No processo de retorno à democracia a participação do grupo foi focada em suas ações políticas juntamente a Frente Ampla, uma coalizão de esquerda que já havia surgido em 1971 e acabou por quebrar o bipartidarismo uruguaio no início do século XXI.

De acordo com Elio Gaspari, no livro "A Ditadura Derrotada - Volume 3" (editora Companhia das Letras), "os Tupamaros, com 3 mil militantes, fizeram coisas nunca vistas e até mesmo difíceis de imaginar. Suas ações, iniciadas em 1968, eram românticas, vingativas e pirotécnicas. Eles assaltaram um cassino e devolveram as gorjetas dos crupiês pelo correio. Depenaram a mansão de um plutocrata e divulgaram que nela havia 400 mil dólares em dinheiro e barras de ouro".

Com a prisão de Raul Sendic no ano de 1971 (ele passou 11 anos preso numa solitária), e as represálias das Forças Armadas uruguaias contra os Tupamaros, o movimento perdeu sua força com a morte e desaparecimento de muitos de seus integrantes. Dois anos depois, o presidente Juan María Bordaberry aplicou um golpe de estado e tornou-se um ditador, dissolvendo partidos e diminuindo as liberdades civis. Em 1976, através de Alberto Demicheli, as Forças Armadas substituíram Bordaberry.

Mujica participou de assaltos, sequestros e do episódio conhecido como Tomada de Pando, quando os guerrilheiros invadiram a cidade de Pando, ocupando delegacias,

bancos, centrais telefônicas etc. Mujica foi preso quatro vezes, torturado e passou quase 15 anos na prisão, de 1972 a 1985, quando foi decretada a anistia para presos políticos e presos comuns.

Após o retorno a democracia, foi libertado, beneficiado pela Lei n.º 15.737 de 8 de março de 1985, que decretou anistia aos delitos políticos cometidos a partir de 1 de janeiro de 1962. Alguns anos após a abertura democrática criou, junto a outras lideranças do MLN e outros partidos de esquerda, o Movimiento de Participación Popular (MPP), dentro da Frente Ampla.

Nas eleições de 1994, foi eleito deputado por Montevideu. Sua presença na arena política foi chamando a atenção das pessoas e, nas eleições de 1999, foi eleito senador.

Nas eleições de 2004 foi o senador eleito com o maior número de votos. No dia 1 de março de 2005, o presidente Tabaré Vázquez o nomeia Ministro da Pecuária, Agricultura e Pesca. Nesse mesmo ano casa-se com a senadora Lúcia Topolanski. Em 03 de março de 2008, Mujica retorna a sua cadeira de senador.

Em 28 de junho de 2009, Mujica foi eleito como candidato presidencial único da Frente Ampla, superando seus concorrentes com 52,02% dos votos. Vence as eleições presidenciais e no dia 1 de março de 2010 foi empossado no Palácio da República do Uruguai.

Durante o governo de Mujica, o Estado assumiu a regulação estatal da produção, venda e distribuição e consumo de maconha, em dezembro de 2013. Foram estabelecidos limites para cultivo e venda de maconha, bem como registros de consumidores e clubes de fumadores. A nova lei tornou o Uruguai o primeiro país do mundo com um regulamento tão abrangente.

O direito ao aborto foi uma conquista do ex-tupamaro. As mulheres podem decidir interromper uma gravidez até a 12ª semana de gestação. Outra das conquistas do ex-presidente foi a legalização do casamento homo afetivo no Uruguai.

No dia 1 março de 2015, terminou os cinco anos na presidência do Uruguai. Dois dias após entregar a faixa presidencial do Uruguai a Tabaré Vázquez, José Mujica assumiu sua cadeira como primeiro senador do Movimento de Participação Popular (MPP), setor integrado ao governista Frente Ampla (FA), majoritária na câmara alta. Cargo que ocupa até os dias atuais.

O FA e o MPP têm uma relação direta, o primeiro surge em 5 de fevereiro de 1971, já o MPP após 1985 com o início do processo de redemocratização o cenário político

uruguaio passou por uma série de mudanças políticas, como as reformas liberais dos anos 1990 e a tradicionalização da Frente Ampla, como defende Rosario Queirolo (1999, p. 91, tradução do autor) onde o partido acabou por se tornar mais tradicional que os próprios partidos tradicionais, uma vez que desenvolveu a partir dos anos 1990 as famílias frente amplistas. A conjuntura política passou de um bipartidarismo polar para um multipartidarismo bipolar, onde a Frente Ampla, juntamente com o Movimento de Participação Popular (MPP) que abriga os antigos guerrilheiros e simpatizantes tupamaros veio ganhando força ao longo das décadas de 1980 e 1990, resultando na chegada ao poder nacional em 2004 com a vitória de Tabaré Vázquez, seguida por José Mujica em 2009.

Na primeira eleição da democratização, em 1984, a Frente concorreu e, mesmo tendo sido impedida de lançar o general Liber Seregni para a presidência, seus candidatos obtiveram praticamente o mesmo coeficiente de votos de 14 anos antes.

Seguramente a Frente Ampla do Uruguai é uma das experiências mais exitosas no campo das frentes político-partidárias, pois conseguiu manter-se organizada mesmo depois das disputas eleitorais.

Nesses 32 anos de vida pós-redemocratização, ela se tornou uma força política hegemônica, mantendo há mais de uma década a maioria no Congresso Nacional. E, em 2015, venceu pela terceira vez a disputa pela Presidência da República.

Na reforma estatutária feita em 2011, há uma ampliação na concepção da pluralidade ideológica interna.

Ao definir a Frente Ampla como um “Acordo Político, conformando uma organização com o caráter de coalizão–movimento”, afirma sua abertura à incorporação de outras organizações políticas e dos cidadãos que compartilham a mesma concepção. Esse mesmo alargamento de convivência de grupos políticos transparece em seus mecanismos de decisão.

De maneira mais geral, o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou, em outros termos, aos sistemas de separações diferenciais, que definem diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes, isto é, em suas práticas e nos bens que possuem, como é notório no caso de Pepe Mujica. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição

correspondente e pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**"Minha maneira de viver é consequência da evolução da minha vida. Lutei até onde é possível pela igualdade e equidade dos homens". (Pepe Mujica).**

É notório que Pepe Mujica tornou-se um fenômeno durante seu pleito presidencial, mostrando ao mundo que a sua práxis estruturada: no modo de vida austero, como uma maneira de primar pela liberdade, bem como detentor de uma prosa simples, mas ao mesmo tempo profundas e com a implementação de políticas públicas polêmicas que concediam ao povo uruguaio o livre arbítrio.

Mesmo diante da *doxa* advinda do processo de globalização que estabelece o consumo como o alicerce deste processo, Pepe Mujica consegue construir uma *doxa* alternativa como forma de protesto e também lança uma forma de “Revolução Tranquila<sup>6</sup>”, sem armas, mas com sabedoria e reflexão que foi o que o distinguiu de outros líderes.

Em suma, a *heterodoxia* de um político que passou por várias privações durante a sua vida está alicerçada no diálogo como a melhor maneira de entender o mundo inaugurando com isso, o capital conciliatório para demonstrar toda a sua indignação frente às complexidades mundiais e também o modo de viver baseado na austeridade como um sinônimo de liberdade e parafreando Mujica a partir da frase de Sêneca: que "pobres são aqueles que precisam de muito", isso é a maneira sóbria de viver, não significa uma apologia à pobreza e sim a escolha pela sobriedade na maneira de viver.

---

<sup>6</sup> Nas palavras de Rabuffetti, 2014.

#### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BOURDIEU. P. "As contradições da herança" in Lins, D. Cultura e Subjetividade .Campinas.,Papirus,1997.

BOURDIEU, P. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista.In:ZIZEK,Slavoj(Org.).Umapadaideologia.RiodeJaneiro:Contraponto, 1996.

FERRARI, Dércio Fernando Moraes. JOSÉ MUJICA: “O PRESIDENTE TUPAMARO”-DA LUTA ARMADA ÀS VIAS DEMOCRÁTICAS. **Alamedas**, v. 2, n. 1, 2014.

GASPARI, Elio. A Ditadura Derrotada, volume 3. Coleção O Sacerdote e o Feiticeiro, São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** 10 ed. São Paulo: Edições Loyola,1989

IANNI, Octavio. **A grande transformação.** In: A sociedade global. 2 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 11-52.

\_\_\_\_\_. Globalização: o novo paradigma das Ciências Sociais.In **Estudos Avançados** - vol.8 no.21 - São Paulo May/Aug. 1994.

QUEIROLO, Rosario. La “tradicionalización” del Frente Amplio: la conflictividad del proceso de cambio. In: GONZÁLEZ, L.E. Los partidos políticos uruguayos en tiempos de cambio. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 1999, p. 87-127.

RABUFFETTI, M., 2014, José Mujica, La Revolución Tranquila, Editorial Aguilar, Argentina.

SANTOS, B. S. Os Processos da globalização. In SANTOS, B. S. (org.), **Globalização:** fatalidade ou utopia? . Porto: Edições Afrontamento, 2001.

[https://www.ebiografia.com/jose\\_mujica/](https://www.ebiografia.com/jose_mujica/)

[https://www.pensador.com/autor/jose\\_mujica/biografia/](https://www.pensador.com/autor/jose_mujica/biografia/)

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/20-frases-inesqueciveis-de-jose-pepe-mujica.html>